



**Departamento Intersindical de Estatística  
e Estudos Sócio-Econômicos**



**Sindicato dos Comerciários São Paulo**

### ***Nota à Imprensa***

São Paulo, 19 de dezembro de 2005.

## **O perfil do trabalhador do comércio do Município de São Paulo**

Mulheres; pessoas não-negras e jovens; ocupam a posição de filho e enteado; a maioria concentra-se no segmento varejista; ocupam a função de vendedores em micro e pequenos estabelecimentos; e cuja parte considerável da categoria é composta por trabalhadores em situação ilegal, ou seja, não possui carteira de trabalho assinada. Estes dados fazem parte da pesquisa Perfil dos Comerciários do Município de São Paulo, realizada pelo DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos e encomendada pelo Sindicato dos Comerciários de São Paulo.

Foram entrevistados em suas moradias cerca de mil comerciários que vivem e trabalham na capital paulista, ou seja, não abrangeu aqueles que, embora pertençam à base do sindicato por trabalharem no município, moram em outras cidades da Grande São Paulo. O levantamento refere-se apenas àqueles que atuam nos segmentos vinculados ao Sindicato dos Comerciários, não incluindo, portanto trabalhadores de empresas comerciais, mas pertencentes a outras categorias, como o comércio de combustíveis, a distribuição de gás, a venda a varejo de produtos farmacêuticos ou o atendimento exercido nas padarias (exceto aquelas internas aos supermercados).

Uma vez que o estudo possibilitou uma ampla base de dados sobre o retrato dos comerciários, este *release* pretende tratar, resumidamente, os resultados obtidos para o universo dos assalariados da categoria comerciária (com e sem carteira de trabalho assinada), bem como serão destacadas as principais diferenças entre o trabalhador com vínculo formal de trabalho e os que estão em situação informal. No mês de julho deste ano, o

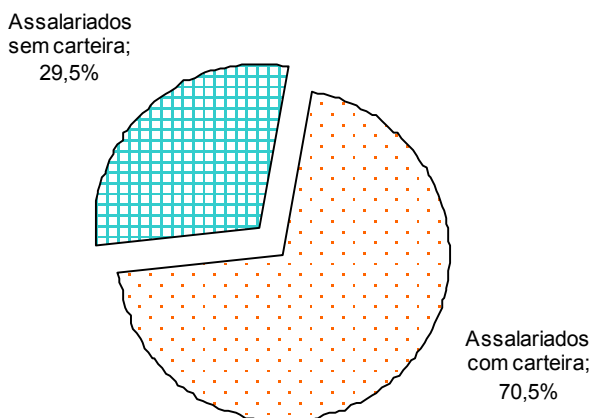
DIEESE antecipou e divulgou informações sobre jornada e renda do trabalhador comerciário com carteira de trabalho assinada com base nos dados desta mesma pesquisa. Este estudo teve como objetivo, subsidiar a campanha salarial dos comerciários, cuja data-base foi no mês de setembro.

## O trabalho do comerciário

O município de São Paulo constitui um grande pólo de atração da força de trabalho da região metropolitana. Os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana da São Paulo - PED, realizada pelo DIEESE e Fundação Seade, evidenciam que este é o maior gerador de ocupações no mercado de trabalho metropolitano. Não só emprega a imensa maioria de seus residentes (apenas 6,0% trabalham fora do município), como absorve uma parcela de 25,9% de ocupados residentes nos demais municípios da região metropolitana.

O setor do comércio emprega 16,3% do total de ocupados no município de São Paulo. Através da pesquisa ora realizada e agregando os comerciários que moram nos demais municípios e trabalham na capital, foi possível estimar que dos mais de 400 mil trabalhadores que compõem a base do sindicato, um terço da base (29,5%) é composta por trabalhadores sem carteira de trabalho assinada (Gráfico 1).

**GRÁFICO 1**  
**Estimativa da base do Sindicato dos Comerciários**  
**por forma de contratação**  
**Município de São Paulo – 2005**



Fonte: Pesquisa de Perfil dos Comerciários do Município de São Paulo – DIEESE/SECSP.

A maior parte dos trabalhadores do comércio está alocada no comércio varejista (71%) enquanto que no atacadista, encontram-se 15,8% dos comerciários. Os outros 13,2% estão alocados no agregado formado pelos segmentos de venda de veículos e vias públicas.

Os pequenos e micro-estabelecimentos empregam a maior parte dos comerciários que compõem a base do Sindicato dos Comerciários de São Paulo – 60,7% trabalham em estabelecimentos que possuem até 10 trabalhadores. Destes, quase dois quintos (39,1%) estão em empresas com, no máximo, quatro trabalhadores.

Além disso, essas empresas empregam a grande maioria dos trabalhadores em situação informal – 72% destes trabalhadores trabalham em empresas que empregam até quatro funcionários. Esta proporção é demasiadamente menor entre os legalmente contratados: apenas 25,3% destes estão alocados em microempresas, possivelmente pela baixa fiscalização sofrida por estes estabelecimentos, dada sua pulverização.

Do total de comerciários, a grande maioria (71,0%) executa suas funções em lojas de ruas e cerca de 45% são vendedores.

Quanto às condições de trabalho, as avaliações dos entrevistados foram, em geral, positivas no que se refere às relações interpessoais (com chefias, colegas e clientes) – mais de 85% dos entrevistados declararam serem boas suas relações com chefias, colegas e clientes. Também as instalações físicas do ambiente de trabalho, como mobiliário utilizado e aos equipamentos e instrumentos de trabalho, tiveram avaliação favorável, com mais de dois terços de respostas positivas.

Com relação à saúde e segurança do trabalho, 7,4% de comerciários declararam ter sofrido algum acidente no emprego atual e 28,6% afirmaram apresentar ou ter apresentado algum sintoma de doença profissional como lombalgias, estresse, varizes e dores de cabeça, que, possivelmente, resultam de condições de trabalho inadequadas. Curiosamente, as Lesões por Esforço Repetitivo/ Distúrbio Osteomolecular Relacionado ao Trabalho (LER/DORT) não obtiveram resultados expressivos na pesquisa. Uma possível razão para sua ausência pode ser o fato de esta doença estar associada a movimentos repetitivos de mãos e braços típicos, por exemplo, da atividade de caixa, que, no entanto, não é predominante no comércio.

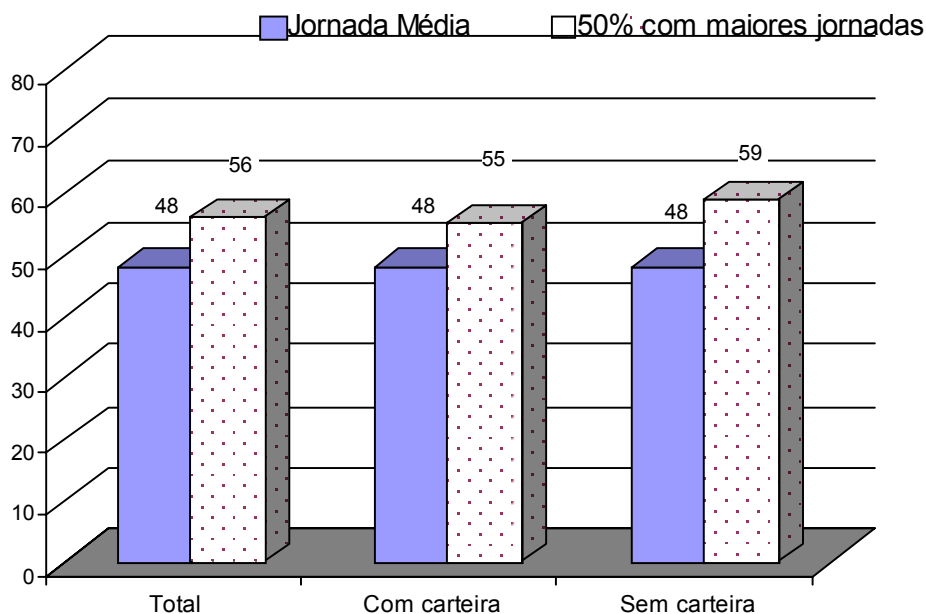
## A Jornada e a Renda

Apesar desses dois temas terem sido bem explorados no estudo divulgado no mês de julho deste ano, cabe aqui levantar mais algumas considerações a respeito para o total da base do Sindicato dos Comerciantes.

Como observado no primeiro estudo, a jornada de trabalho no comércio, com frequência, é superior ao estabelecido em lei: a jornada média semanal para o total dos assalariados da base do SECSP é de 48 horas. Entre os 50% que realizam jornadas mais extensas, a média de horas trabalhadas na semana equivale a 56 horas semanais.

Quando se observa a jornada dos comerciantes com e sem carteira assinada, percebe-se que os sem carteira, também no que se refere às horas trabalhadas, encontram-se em pior situação. Apesar da jornada de trabalho média, tanto para formalizados, quanto para informais serem iguais (48 horas semanais), quando se observam os 50% com jornadas mais extensas, verifica-se que os sem carteira trabalham em média, na semana, 59 horas, enquanto os com carteira cumprem jornada média de 55 horas semanais (Gráfico 2).

**GRÁFICO 2**  
**Jornada média de trabalho semanal<sup>(1)</sup> da base do Sindicato dos Comerciantes**  
**segundo formas de contratação**  
**Município de São Paulo – 2005**  
(horas semanais)



Fonte: Pesquisa Perfil dos Comerciantes do Município de São Paulo - DIEESE/SECSP.

Nota: 1) Excluídos os comerciantes que não trabalharam na semana.

No tocante a remuneração, observa-se que no comércio, mesmo com extensas jornadas de trabalho, o rendimento médio (R\$ 806) do comerciante é menor que nos outros

setores de atividade, como indústria (R\$ 1.163) e serviços (R\$ 1.079), segundo dados da PED.

O rendimento médio da base do sindicato nos meses de dezembro de 2004 e janeiro de 2005 foi de R\$ 759, o que equivale a pouco menos de três salários mínimos em vigor nestes meses (Tabela 1).

**TABELA 1**  
**Rendimento médio dos comerciários<sup>(1)</sup> segundo formas de contratação**  
**Município de São Paulo - 2005**

Rendimento médio e Índices	Total	50% com menores salários	Formas de contratação	
			Assalariados com carteira	Assalariados sem carteira
Rendimento Médio (em R\$)	759	428	815	589
Índice sobre o rendimento médio <sup>(2)</sup>	100,0	56,4	107,4	77,6
Índice sobre o salário mínimo <sup>(3)</sup>	291,9	164,6	313,5	226,5

*Fonte: Pesquisa Perfil dos Comerciários do Município de São Paulo- DIEESE/SECSP.*

*Notas: 1) Refere-se à média dos rendimentos obtidos nos meses de dezembro/2004 e janeiro/2005, expressos em valores de janeiro de 2005, segundo o ICV/DIEESE.*

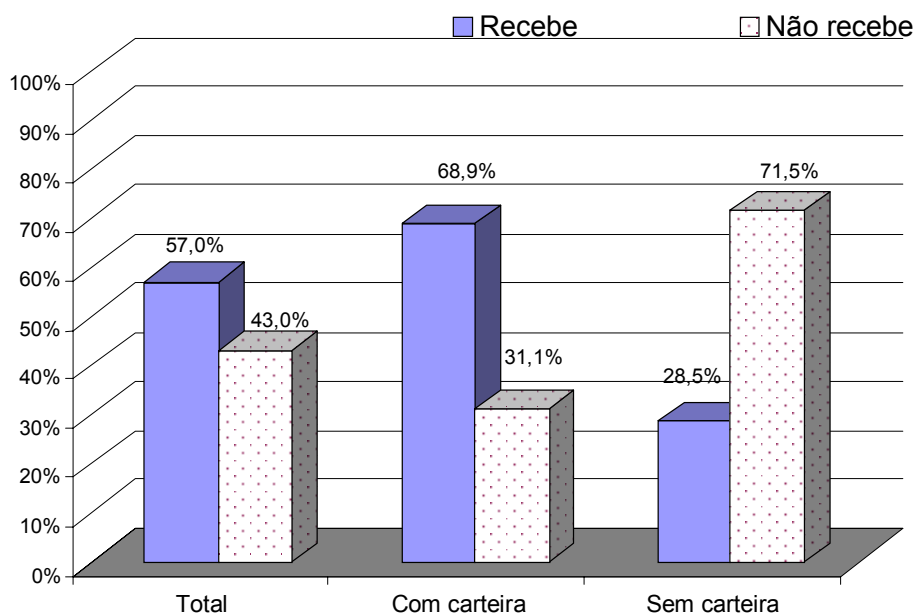
*2) Base: Rendimento Médio Total da base do Sindicato dos Comerciários = 100.*

*3) Base: Salário mínimo de janeiro de 2005 (R\$ 260,00) = 100.*

*Obs.: Excluídos os comerciários que não tiveram remuneração no mês.*

A maior discrepância observada entre os trabalhadores com e sem registro em carteira refere-se à remuneração. O rendimento médio dos formalizados é bem superior ao auferido pelos informais: R\$ 815,00 e R\$ 589,00, respectivamente. Isso significa que os assalariados sem carteira de trabalho percebem cerca de 30% a menos do que os formalizados. Além disso, enquanto 68,9% dos comerciários com carteira de trabalho recebem algum tipo de benefício das empresas, apenas 28,5% dos que não possuem registro de trabalho têm acesso a benefícios.

**GRÁFICO 3**  
**Acesso a benefícios oferecido pela empresa por formas de contratação**  
**Município de São Paulo – 2005**



Fonte: Pesquisa de Perfil dos Comerciantes do Município de São Paulo - DIEESE/SECSP

Os assalariados sem carteira de trabalho, além da precariedade de sua forma de inserção, encontram-se em desvantagem em todos os quesitos analisados: condições de trabalho, jornada e remuneração.

No que se refere às condições de vida do comerciante, constatou-se que a maioria mora em casa própria (63,3%) e sua residência tem acesso à infra-estrutura básica como água encanada, luz elétrica e serviços de esgoto. O acesso desses trabalhadores a crédito e serviços de instituições financeiras é restrito: pouco mais de 65% possuem conta em banco, cerca de 39% têm acesso a cartão de crédito e quase 19%, a cheque especial, o que pode restringir, em muito, sua capacidade de consumo. Cerca de 15% dos comerciantes não têm acesso a nenhum dos itens referidos acima, tampouco a telefone celular, carro e internet. Além da alta informalidade no setor, o que pode contribuir para esta situação é a baixa renda familiar desses trabalhadores: mais de 45% têm renda familiar de até R\$ 1.000 (Tabela 2).

**TABELA 2**  
**Comerciantes segundo renda familiar**  
**Município de São Paulo - 2005**

Faixas de renda familiar	%
--------------------------	---

	<b>Total</b>	<b>100,0</b>
Até R\$ 500		9,2
Mais de R\$ 500 a R\$ 1.000		36,2
Mais de R\$ 1.000 a R\$ 2.000		31,1
Mais de R\$ 2.000 a R\$ 3.000		11,9
Mais de R\$ 3.000		8,5
Não sabe		(1)

*Fonte: Pesquisa de Perfil dos Comerciários do Município de São Paulo - DIEESE/SECSP  
Nota: 1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.*

## Atributos pessoais

A categoria é composta em sua maioria por mulheres (52,8%), não negras (55%) e jovens -55,7% têm entre 17 e 29 anos de idade, enquanto 37,0% estão na faixa de 17 e 24 anos. Se considerado o total de trabalhadores que têm entre 17 e 34 anos de idade, este percentual ultrapassa dois terços da categoria.

Também são expressivas as proporções de solteiros (53,1%), dos que ocupam a posição de filho e enteado no domicílio (41,2%) e dos que não possuem filhos economicamente dependentes (55,9%).

Essas características dos trabalhadores do comércio podem ser explicadas pela facilidade de inserção no setor, a baixa remuneração oferecida e a exigência de longas jornadas de trabalho, que tornam o exercício das atividades mais viável a pessoas com menos responsabilidades familiares e menor qualificação profissional.

Com relação à escolaridade, 51% concluíram o ensino médio e 15% o iniciaram, mas ainda não o completaram.

Vale destacar que entre os comerciários em situação de ilegalidade, há uma maior proporção de negros (51%, contra 42,6% dos que possuem carteira assinada); de solteiros (60,5%, contra 49,9%); e dos que ocupam a posição de filho ou enteado do domicílio (44,1%, contra 40,0%).

Observa-se, também, que é grande o tempo de permanência dos trabalhadores neste setor de atividade: a média de experiência é de mais de 10 anos e cerca de 77% trabalham no comércio há cinco anos ou mais. Além disso, observa-se que é grande a mobilidade no setor: 60,9% declararam que o emprego imediatamente anterior ao atual era também no comércio.

Além disso, 12,1% dos entrevistados afirmaram que nunca haviam trabalhado antes do seu atual emprego, o que reafirma a importância do setor como porta de entrada para o mercado de trabalho.